

CONCEITOS: MEDIAR PARA ALFABETIZAR?

FAUSTINO, Plenda de Jesus¹

SILVARES, Ana Paula da Rocha²

Resumo

O texto é uma tentativa de discutir a formação dos conceitos no período e contexto escolar, tendo o professor como mediador do processo de alfabetização. Tal experiência considera e interroga os estudos e ideias de Vygotsky e seus colaboradores. Os questionamentos e análises partirão de nossa relação e vivência com as crianças e nossos diálogos com a escola. Conscientes de que somos seres de linguagem e que na interação com o outro nossos pensamentos e língua estão em constante (des-)construção passamos a dialogar sobre os conceitos espontâneos e científicos a que somos expostos nas interações de nossa jornada social, mais especificamente no trajeto sócio-escolar a que nos dispomos como ensinantes-aprendizes, quer adultos, quer crianças. Qual a importância do conceito no desenvolvimento cognitivo do sujeito social? Passaremos a enfatizar o papel da escolarização na construção de saberes e destacaremos a relação professor-aluno como fundamental na estruturação e mediação do aprender e ensinar.

Palavras-chave: Conceito. Escola. Mediar. Alfabetizar.

Introdução

“Formar” é colocar na fôrma, fechar. Um ser humano “formado” é um ser humano fechado, emburrecido. Educar é abrir. Educar é “desformatar”... Uma festa de “desformatura”. (Rubem Alves)

Por muito tempo nos fizeram acreditar que a escola era o espaço e o tempo em que entrávamos para dela sair formados – colocados em limites determinados por sistematizações que mais embrutecem do que educam. Essa ideia ainda permanece para alguns e há práticas que afirmam esse tipo de pensamento. Entretanto, esta escrita busca um *espaçotempo* cujo empreendimento se dá em *desenformar(-se)* na interação com o outro... espaço, coisas e pessoas. Uma possibilidade de abrir-se para o mundo que nos é apresentado ao invés de imposto... transmitido.

¹ Professora-ALFABETIZADORA da rede municipal de ensino de São Mateus, ES. Técnica pedagógica do setor do Ensino Fundamental – Anos Iniciais/SME. Licenciatura Plena em Pedagogia. Pós-graduada Lato Sensu -UNIVEM. Mestranda do PPGEEB- CEUNES/UFES.

² Professora de Filosofia Para e Com Crianças do Sistema municipal de Educação, São Mateus-ES; Coordenadora de área na Secretaria Municipal de Educação (Filosofia e Ensino Religioso – SME/SMES). Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestranda do PPGEEB – CEUNES/UFES.

Para tal, nos debruçamos sobre os estudos do psicólogo Lev Vygotsky. Mais especificamente sobre suas ideias de desenvolvimento infantil e a construção de conceitos no período escolar. Refletimos em como esses pensamentos contribuem e influenciam na educação da criança em processo de alfabetização. Nossas vivências e relações com a escola na Rede Municipal de Educação, em São Mateus – ES, nos convidam a compreender como ocorre o processo de construção do conhecimento na escola e o papel dos sujeitos, bem como suas contribuições para e neste movimento.

Uma pesquisa bibliográfica nos convida a pensar, ler e problematizar nas teorias vygotkiana a ideia de conceito, os significados de conceitos espontâneos e científicos, sua interligação e como se dão nas relações sociais que os sujeitos estabelecem com a linguagem e o pensamento que é praticado pelo e nos coletivos escolares. A fundamentação teórica escolhida interroga a escola como um *espaçotempo* em que a interação dos conceitos se afirma por ser um meio educacional na qual se aprende com outros, através da mediação entre os indivíduos e entre os coletivos.

Para Vygotsky (1989) a ideia de interação social e mediação é o ponto central do processo educativo, pois esses dois elementos estão intimamente relacionados ao processo e desenvolvimento dos sujeitos. Nesse contexto, pensamos o professor que exerce o papel de mediador da aprendizagem do aluno na construção do conhecimento.

Neste movimento nos ocupamos ainda de pensar as ações e inferências de um intermediário nas perspectivas de um processo alfabetizador que abre ao invés de colocar em formas... que liberta ao invés de formar, ao invés de limitar. Refletimos o educador como aquele que convida ao encontro com os diferentes saberes e contribui no aprimoramento dos conceitos nesse processo de desenvolvimento da língua... da linguagem e do pensamento.

Assim, a escrita deste texto se justifica por ser um espaço em que questionamos à importância dos sujeitos, dos espaços e dos conceitos na constituição de um processo alfabetizador acessível, significativo e ativo. É um registro das inquietações que nos convidam a dar atenção e agir nas urgências que surgem quando o que se busca é um aprender escolar exitoso, que parte do pensar, ver, interagir e registrar as palavras e seus significados no contexto da alfabetização.

1. A construção de conceitos: fundamentos de uma ideia...

O mundo em que vivemos nos foi apresentado assim que nascemos. Experimentamos o meio através das interações que nos são proporcionadas pelo nosso grupo social desde que surgimos para a vida. Uma criança que acabou de nascer ainda

não tem a linguagem como habilidade desenvolvida. Desprovida da fala sua interação com o grupo e o cotidiano é limitada e acontece através de gestos, balbucios e choros – artifícios que possui e desenvolve nessa fase de vida. Há um momento, porém, que ela começa a ter consciência da língua ao seu redor, mesmo sem saber usar as palavras (ainda), pois sua consciência a respeito delas só estão desenvolvidas afetivamente.

Entretanto, é na infância mesmo que acontece a apropriação da linguagem. É nesse período da vida humana que o processo de formação dos significados inicia sua constituição e possibilita a constituição de conceitos. Essa concepção é um movimento construído e internalizado por intermédio das interações entre o sujeito e o ambiente.

À vista disso, os conceitos são formulados a partir do uso da palavra e seu significado no contexto social. Para Vigotski (2008, p.72) “a formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte [...]”, o que nos permite compreender que os significados passam essencialmente pelo campo da linguagem, que é à base do pensamento. Eles perpassam pela unidade da palavra e do pensamento gerando os conceitos, e sem estes, não seria possível alcançar níveis superiores do pensamento e da linguagem. Assim, os conceitos não podem ser pensados isolados, uma vez que o movimento de interligação entre eles gera significados novos e nisso expõem o infante à aprendizagem cujo nível de complexidade é potencializado e a generalização atribuída.

Vigotski (2008) confirma que o desenvolvimento de cada conceito apreendido exige um grau de generalização, onde as palavras construídas durante as experiências interacionais possibilitam aos sujeitos utilizá-las em diversos contextos, apreendendo o significado destas no contexto social. À medida que as crianças se apropriam dos conceitos básicos, as complexidades vão se efetivando.

Ao realizar seus vários estudos a respeito do desenvolvimento cognitivo do sujeito, Vigotsky, o categorizou em três níveis. Sendo esses...a zona de desenvolvimento real – aquela que compreende os conceitos que já foram dominados, ou seja, que já está consolidado no desenvolvimento da linguagem. Nesse espaço o sujeito é capaz de realizar um conjunto de atividades sozinho. A zona de desenvolvimento potencial corresponde aquela dimensão em que o sujeito tem a potencialidade de aprender. É aquele lugar em que a resolução de atividades por intermédio de outro indivíduo se efetiva.

É a partir dos dois níveis anteriormente apresentados que nos expomos à definição de Vygotsky sobre a zona de desenvolvimento proximal. Segundo ele este é o espaço em que se [...]define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que

estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário [...] “(VYGOTSKY, 1989, p.97). Dessa forma, entende-se que a zona de desenvolvimento proximal é uma chave que oportuniza a aprendizagem, que será potencializada, a partir das relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir do processo de mediação.

Por conseguinte, é proposto o desenvolvimento sobre o que o sujeito não sabe, através da mediação do outro, criando a possibilidade de aprendizagem de novos conceitos, lembrando que a apropriação de um conceito não significa que este processo esteja finalizado, pois constantemente estamos adquirindo conceitos novos.

1.1 Conceito cotidiano e científico: conceituando?

De acordo com Vygotsky (2007) quanto mais vivências e interações as crianças experimentarem no contexto do grupo social a qual pertence, mais conceitos estas abstrairão dessas relações, o que possibilita a construção dos conceitos cotidianos. Rego (2014, p.77), corroborando com os pensamentos vygotksyanos, afirma que os “conceitos cotidianos referem-se aqueles conceitos construídos, a partir da observação, manipulação e vivência direta da criança [...]”. Percebe-se que os conceitos cotidianos são oriundos de uma prática social e da interação com o meio físico que forma determinada cultura e estes são aprendidos de acordo com o contexto vivenciado pelo indivíduo. Cada momento de interação é sinônimo de construção de um conhecimento que expressa a identidade do grupo pertencente. Conhecimento este que será o alicerce para o aprimoramento de novos conceitos.

Um conhecimento cotidiano apreendido hoje poderá ser substituído/revisto de modos diferente, levando em consideração os novos olhares pelo qual passamos, em específico, na educação formal. Os conceitos espontâneos são apreendidos na vida cotidiana de uma maneira diferente, e formam um conjunto de conhecimentos informais. Na escola estes conhecimentos ganham enfoque científico. Rego (2014, p. 77) define conceitos científicos como os que “[...] se relacionam àqueles eventos não diretamente acessíveis à observação ou ação imediata: são os conhecimentos sistematizados, adquiridos nas interações escolarizadas [...]”.

Em consonância com esta definição, entendemos que os conceitos científicos reestruturam e/ou ressignificam os conceitos cotidianos. Sendo assim, eles se relacionam e se influenciam constantemente. É por meio da mediação que é realizada entre conceito cotidiano que a criança traz para a escola e expõe em suas interações que a maturação e compreensão acontecem tornando-os um saber elaborado.

Vale ressaltar que na prática social usamos os conceitos cotidianos e científicos e que ambos orientam o sujeito em suas vivências sociais, e os utilizamos de acordo com as situações decorrentes dessas experiências.

O período de escolarização atua de forma significativa no desenvolvimento de conceitos, pois é nesta fase que a criança passa a se apropriar dos conhecimentos formais. Por meio da reorganização dos conceitos cotidianos geram-se os conhecimentos científicos e a exposição à língua escrita e as diversas linguagens a que somos apresentados se torna um exercício de apropriação do cotidiano... da própria vida.

1.2 E a escola? Aprimorar. Transpor

Vygotsky destaca que o desenvolvimento cognitivo da criança acontece através de sua interação com outras pessoas e com o ambiente ao qual faz parte. E essas relações contribuem para a geração de experiências e conhecimentos. Dentro desta perspectiva é possível enfatizar que ao ingressar na escola a criança possui uma bagagem de saberes. O autor categoriza as vivências da criança associadas à construção de conhecimentos em conceitos cotidianos e científicos. Ele enfatiza que os conceitos cotidianos são apreendidos no decorrer da vida que se experimenta e que os conceitos científicos são complexos e exige explicações científicas, bem como uma sistematização para que sua aprendizagem ocorra.

Os conceitos devem ser privilegiados na escola através da mediação de sujeitos que praticam a ciência rompendo com métodos superficiais, tanto quanto com aqueles que embrutecem, alienam os indivíduos em seu processo de aprendizagem. Os estudos do psicólogo russo apontam para uma interdependência entre ambos e afirma que os conhecimentos científicos não podem ser construídos sem os conceitos cotidianos.

Ao chegar à escola a criança com sua bagagem de conceitos cotidianos é exposta ao conceito científico que é apresentado pelo professor. O educador planeja suas ações para que o indivíduo em desenvolvimento cognitivo experimente a complexificação, ou seja, um nível de abstração maior dos conceitos cotidianos. É um exercício de resignificação dos conceitos, ampliando a linguagem e a capacidade de pensar as relações com o mundo.

De acordo com Rego (2014, p.79) a educação formal proporciona “[...] às crianças um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão associados ao seu campo de vida e vivência. Possibilita que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento científico construído e acumulado pela humanidade [...]”. O que nos leva a pensar na escolarização como uma prática que acontece numa instituição cujo exercício de associar o

conhecimento espontâneo – esses saberes que se desenvolvem nas vivências da realidade que se tem – e os saberes científicos organizados em seu currículo, é um trabalho realizado a partir da observação e atenção que se dá à ciência cotidiana (local, regional, cultural) desenvolvida desde a interação familiar e os círculos afetivos e sociais transpondo-os em científicos.

Pimenta (1999) reforça esse pensamento ao afirmar que a finalidade da educação escolar na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada, é possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los, confrontá-los e contextualizá-los.

1.3 O professor: Qual é o seu papel?

Aprendemos a conhecer. Os saberes são diversos e diferentes. Ensinar e aprender se dá na interação com os outros e na integração entre os conceitos que vamos construindo à medida que nos encontramos com a realidade e as ciências que ela produz. Um professor é para Vygotsky aquele sujeito intermediário nos percursos que faz quem aprende... e quem ensina?

Na escola o papel do educador é daquele indivíduo que exercerá a intervenção direta no processo de construir, investigar, aprender e apreender o conhecimento que as crianças estão construindo em seu caminhar pelo mundo. Esse exercício direto do professor junto à zona de desenvolvimento proximal possibilita (des-)estruturas que capacitam as crianças no gerar novas e outras aprendizagens. Segundo Oliveira (1993, p.62) na aprendizagem escolar “[...] a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de inferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente [...]”.

Com a possibilidade de intervir, influir e afetar o desenvolvimento de novas aprendizagens fica claro que a mera transmissão de conhecimentos e algumas práticas que ainda privilegiam o exercício da repetição e da memorização, não têm espaço na proposta de transposição dos conceitos cotidianos para os conceitos científicos na escola, em nosso caso, com os aprendizes na alfabetização.

Com o objetivo de provocar no aluno um novo e diferente jeito de pensar o mundo o professor mediador aponta para a importância de sua prática pedagógica destacando ações como “[...] a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexo [...]” (PIMENTA, 1999, p. 27). Sendo assim, ao propor o ensino de determinado conhecimento científico, o professor deve planejar uma prática em que os alunos se envolvam e tenham

a compreensão do novo que está a construir, criar, pois se uma aprendizagem não acontece compromete as posteriores, ou seja, uma aprendizagem antecede as demais. Vigotskii (2017, p. 117) destaca isso ao enfatizar que “cada matéria escolar tem uma relação própria com o curso do desenvolvimento da criança, relação que muda com a passagem da criança de uma etapa para outra [...]”.

Diante disso percebe-se que, segundo o autor, um conceito apreendido é parte fundamental para a aprendizagem de outro conceito. A aprendizagem do conceito científico requer tempo. É na experiência com esse conceito que o aluno vai aprender e para isso é necessário que a interligação aconteça e assim, eles possam assimilar e aprender os significados construindo relações com os conceitos a que estão sendo expostos. Consequentemente, o grau de complexidade, raciocínio e interpretação da criança vai sendo trabalhado e desenvolvido ao longo do tempo.

Dessa forma o planejamento do professor deve contemplar sua sequência lógica de graduação de conhecimentos, onde o conhecimento a ser ensinado hoje terá como base o conhecimento apreendido ontem. Diante da necessidade de aprendizagem, por parte de seus alunos, em termos de conceito, necessita ofertar uma metodologia própria... adequada para o assunto em questão, para que não ocorra a perda das especificidades de cada conceito. Cada conhecimento requer uma forma diferente de ensinar seja em momentos de reflexão, diálogo, interpretação, produção em grupo ou individual...

Diante dessa perspectiva cada sujeito que integra o processo de ensino e aprendizagem tem sua ação determinada no ambiente escolar. O aluno assume a condição de agente ativo na ressignificação dos conhecimentos cotidianos para assim alcançar os conceitos científicos, ou seja, ao trabalhar *com a ideia de reconstrução, de reelaboração, por parte do indivíduo, dos significados que lhe são transmitidos pelo grupo cultural[...]*, Vygotsky deixa explícito a não admissão de um papel de receptor passivo para o educando. (OLIVEIRA, 1993, pag.63). Para que isso ocorra, é necessário proporcionar, aos alunos, situações desafiadoras em que possam refletir seu pensar sobre as diferenças entre o conceito antigo e o novo agora apreendido.

Libâneo (1998, p. 29) compreende que “o professor medeia à relação ativa do aluno com a matéria [...] mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse [...]”. Sendo assim, a partir dos conhecimentos prévios dos alunos o professor deve buscar diferentes estratégias para que a escola seja um ambiente de construção do conhecimento. Ele será o mediador entre os conhecimentos científicos validados pelos currículos da educação formal e pelos conhecimentos prévios que os educandos trazem

de sua cultura, essa interligação é o ponto de partida no processo educativo para assim obter êxito na aprendizagem.

Por isto é importante perceber que a dinâmica de atividades propostas nas salas de alfabetização deve ser diferenciada, já que os alunos que adentram o cenário educacional fazem parte de uma sociedade letrada, então estes necessitam de atividades que os façam refletir sobre a verdadeira função da leitura e escrita, possibilitando assim sua inserção na cultura das linguagens.

Toda prática mediadora exercida pelo professor deve ter como um único propósito, que o aluno seja capaz de compreender os ensinamentos vividos na escola, na sua vida social e crie autonomia para fazer uso dos mesmos nos diferentes contextos sociais.

1.4 Cotidiano e Científico: mediar, alfabetizar, diagnosticar, inferir

A escola é o espaço em que os sujeitos da aprendizagem se encontram e seus saberes são desenvolvidos, potencializados, construídos, criados. É o tempo de problematizar os conceitos cotidianos na construção de conceitos científicos e na invenção de conceitos outros ir se constituindo sujeito social, de pensamento e linguagem.

A alfabetização da criança na escola é um período em que a construção dos conceitos e sua problematização expõem os sujeitos à novidade e apropriação da ciência que se acumula e valida a atuação social. Como se dá e quais são os arranjos para que as crianças problematizem e construam os conceitos a que são expostas?

Para pensar junto com as escolas à prática da alfabetização, e nessa ação tão peculiar a transposição dos conceitos, a Secretaria de Educação Municipal de São Mateus (SME) realiza um acompanhamento nas unidades escolares, com o propósito de observar, realizar uma análise técnica e orientar as ações de intervenções necessárias. Os encontros são realizados periodicamente nas unidades escolares pela equipe técnica do Ensino Fundamental Anos iniciais, no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) e nos anos finais dessa etapa de ensino (4º e 5º ano). Os técnicos produzem a análise dos diagnósticos, realizando a devolutiva às escolas com os resultados dos consolidados do diagnóstico interno. Uma tentativa de inferir no conceito cotidiano e científico do professor na intenção de auxiliar no desenvolvimento e complexificação dos conhecimentos do aluno na escola.

O diagnóstico institucional produzido pela SME é realizado no início e no final do ano letivo, apresenta um conjunto de habilidades específicas a serem avaliados no campo

da Produção Textual e Matemática levando em consideração o letramento que o aluno deverá alcançar no correspondente ano. É avaliado principalmente em que momento da aprendizagem o aluno está inserido, e quais os percursos que ele ainda tem a percorrer.

Diante dos resultados obtidos nos diagnósticos é possível repensar o saber escolar, bem como está sendo exercida a função da escola. Diante deles, a SME suscita a iniciativa de dialogar com o corpo pedagógico e docente de cada escola para extrair as concepções sobre o ensinar por parte do corpo docente. Nesse fazer reflete-se como estão as práticas em sala de aula, a forma de organização do tempo e do espaço escolar para que a alfabetização aconteça.

Dar atenção às turmas de alfabetização é nos propor pensar as aprendizagens que são um contínuo na escola. Olhar com cuidado para os saberes que se desenvolvem no Ciclo de alfabetização é admitir a base que se precisa garantir para que as ciências posteriores sejam desenvolvidas nas etapas seguintes do ensino. Um conceito não alcançado pode comprometer a vida escolar e social do aluno? A realidade social aponta os limites que experimenta o sujeito que teve sua trajetória de construção dos conceitos negligenciada em algum momento e/ou por uma prática.

Sendo assim, a Secretaria Municipal de Educação busca acompanhar quais os entraves na apropriação da escrita e leitura pela criança, tanto quanto como acontece o exercício de mediação professor/aluno e quais estratégias de intervenção pedagógica são realizadas nas turmas de alfabetização e ainda, como podemos transformar os conceitos cotidianos que construímos com e na alfabetização em conceitos científicos de uma alfabetização que é organizada para contribuir na formação do sujeito livre, emancipado.

2. Considerações finais

A partir, deste estudo, podemos reafirmar o pensamento de Vygotsky de que o aprendizado e o desenvolvimento dos conceitos ocorrem no contexto social, cultural e formal. Diante disso, todo conhecimento prévio demonstrado pelo educando no ambiente escolar, é reflexo de sua vivência no cotidiano imediato.

O ensino e o papel do professor devem ser encarados como a busca de uma produção de saberes na sua relação com o conhecimento. O papel mediador deste sujeito escolar define padrões de significação dos conceitos na/da/para a escola, bem como para o desenvolvimento alfabetizador da criança. Propõe uma aprendizagem que extrapola os limites de codificação e decodificação dos signos nos exercícios de apreensão da escrita.

Desenvolver e transpor conceitos passa, portanto por um exercício de uma escola que se posiciona como contexto social, onde os diversos e múltiplos saberes se

encontram e em seus entrelaçamentos, oposições e diferenças vão se compondo, organizando e transpondo cientificamente.

O papel do mediador, que atua na zona de desenvolvimento é do sujeito que ao dar atenção aos conceitos cotidianos socializados no espaço escolar encontra significados para um movimento de complexificação tornando o desenvolvimento e apreensão dos conceitos científicos significativo, acessível à infância.

A escola tem entre seus objetivos, o de proporcionar a aprendizagem de acordo com as zonas de desenvolvimento, em especial ao avanço na zona de desenvolvimento potencial até o real.

O professor ao promover a circulação de conhecimentos, proporciona a reflexão dos mesmos, e isso acontecerá quando este partir do princípio de sua função de ser mediador.

Referências

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. Série Pensamento e ação no magistério. São Paulo/ SP: Scipione, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** identidade e saberes da docência. In: Pimenta, Selma Garrido. (Org). Saberes Pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky:** uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKII, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L.S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. Tradução de Maria da Pena Villalobos. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** 15ª ed. São Paulo: Ícone, 2017.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 3ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1989.